
ANEXO 4.8.

Entrevista: Diretor da Escola do Ensino Genérico

Entrevistador

Os projetos das escolas vocacionais de música têm revelado dificuldades de enraizamento nas suas comunidades nomeadamente no que concerne às articulações com ensino genérico e falta de ambições curriculares diferenciadas, capazes de responderem à presente diversidade da procura. Neste sentido, o trabalho de investigação de um curso pretende questionar o conceito de escola vocacional, assim como testar possíveis redefinições do modelo de ensino da música em regime articulado de frequência. Pretende também estudar as vantagens do reforço das articulações pedagógicas do ensino vocacional com o ensino genérico, através da adoção de estratégias pedagógico – didáticas da diversificação dos percursos de aprendizagem do ensino da música.

No sentido dos problemas mencionados, e na sua perspetiva, eu perguntar-lhe-ia quais são os problemas que afetam o funcionamento do ensino da música, no nosso país, nomeadamente, no regime de frequência articulado?

DEEG

É assim, eu sinceramente da experiência que tenho, não me parece que hajam alguns problemas no funcionamento do regime articulado, pelo menos para as nossas escolas. Havia algumas dificuldades na articulação dos horários, mas isso era facilmente... ao longo do tempo foi sempre facilmente superado. Portanto, parece-me que isso não é um problema do ponto de vista de gestão das escolas públicas.

Entrevistador

Então, digamos que o regime de ensino articulado, na sua perspetiva, tirando essa questão que tem a ver com as articulações, que iremos falar mais adiante, não tem problemas?

DEEG

No meu ponto de vista não. Não tem problemas, quer dizer, não causa problemas às escolas públicas, não estou a dizer que não há problemas...há problemas mas não tanto, agora, a simples existência do regime articulado e funcionamento dele nas escolas públicas, da experiência que eu tenho, nunca causou problemas.

Entrevistador

E que outros problemas poderiam surgir?

DEEG

Outros problemas que podem surgir é por exemplo... às vezes a falta de formação que existe nas escolas públicas que coadune e que possa haver esse intercâmbio com as escolas do ensino articulado. Isso é outra coisa diferente, porque os programas deviam estar feitos nas escolas públicas em articulação com as escolas do ensino articulado, e se calhar até devia haver reuniões de articulação sobre os conteúdos...

Entrevistador

Mas, repare que esses conteúdos musicais são muito específicos da escola de música.

DEEG

Mas depois para não andarem a repetir, para não trabalharem em duplicado, se calhar seria possível fazer uma melhor articulação entre as duas vias de ensino; para não se

estudar aqui uma coisa e a mesma coisa lá, em muitas situações.

Entrevistador

Mas então acha que as coisas são igualmente dadas em ambos os lados?

DEEG

Eu não acho que são iguais, acho que pode haver um ou outro conteúdo que seja igual, e aí seria bom articular para não repetir.

Entrevistador

Mas repare que os alunos que estão no ensino articulado não frequentam Educação Musical aqui no ensino básico. Portanto, não há repetição de conteúdo, porque eles não têm Educação Musical, aqui.

DEEG

Têm uma disciplina de Educação Musical.

Entrevistador

Sim, mas são os alunos em regime normal, os que frequentam o ensino articulado de música não têm Educação Musical.

DEEG

Pois porque eles podem pedir dispensa, exatamente.

Entrevistador

Agora nem é a questão de pedirem dispensa, é preciso entender mais o plano de estudos.

DEEG

Pois, portanto isto não é propriamente um problema.

Entrevistador

Não, não é um problema porque o plano de estudos é isto! Foi entendido assim...até ficar mais claro, porque havia esta confusão nos pais e nas próprias escolas «não ele tem que ter na mesma Educação Musical», e nós tínhamos alunos que estavam a frequentar o ensino articulado, antes da Portaria 691, já há uns anos largos, em que as pessoas diziam «Não, não...tens que vir! É obrigatório, tens que vir senão tens falta!».

DEEG

Não, não...nós tivemos aqui muito tempo alunos que frequentaram os dois sistemas, mas alguns pediram e podiam ter a tal dispensa, portanto de facto não é simultânea a frequência.

Entrevistador

Exatamente. E na sua perspetiva, quem vai para o regime articulado do ensino da música que perspetivas tem em torno da música?

DEEG

No meu entendimento é porque predominantemente quer seguir o ensino da música ou pelo menos a aprendizagem da música, quer ser músico ou quer ser professor de música, portanto quer desenvolver-se musicalmente. Portanto, é uma via na qual profissionalmente aposta muito, na minha perspetiva é isso.

Entrevistador

Mas o que nós vemos atualmente é que de facto a maior parte dos alunos que vão para o ensino da música, não é esse o motivo que os leva a ir para o ensino da música.

DEEG

Mas eu pensei que era. É assim, também há outra parte que eu penso que será só para enriquecimento curricular e maior conhecimento e pronto, porque para as pessoas a música faz parte da vida.

Entrevistador

Mas se fosse, digamos, para esse enriquecimento curricular como está a dizer, não satisfaz aquilo que nós enquanto ensino básico da escola dita genérico oferece?

DEEG

Acho que é insuficiente. Manifestamente insuficiente.

Entrevistador

Então digamos que tendo em conta que há de facto esta insuficiência e há uma procura bastante grande por parte de muita gente do ensino da música, que tal como lhe disse não vão apenas à procura de música, aliás a maior parte deles não vão à procura de música em termos profissionais...

DEEG

Mas eu pensava que a maior parte era, exatamente, porque em termos profissionais pensava um dia exercer.

Entrevistador

É evidente que se nós pensarmos tal como está a dizer a lei, a legislação diz: é vocacional; então seria isso, mas isso era no passado, hoje está fora de contexto da escola, está fora

de contexto. Por isso é que eu quero questionar este conceito. Porque não dizem «o passado está desatualizado», quer dizer, esta realidade de hoje é completamente diferente da do passado. E então, realmente, quem vai hoje para a escola de música, vai e a determinada altura faz a sua opção: «sim senhor eu vou seguir música» ou «não, eu não vou seguir música», mas não foi propositadamente/antecipadamente a pensar que ia seguir música que foi para lá. Acabou por ganhar lá o gosto pela música e seguir música mas não foi de facto esse o motivo principal. Então há muita gente a procurar este ensino da música e muita gente que depois até chega lá e encontra, digamos assim, ideias que não correspondem à realidade que eles levam, porque eles pensam num determinado tipo de modelo e acaba por ser outro precisamente. Um modelo assente na tipologia musical, dito música clássica, quando eles queriam por exemplo tocar guitarra rock ou elétrica e não têm isso aí. O que lhe parece desta necessidade ou desta possibilidade de diversificar a oferta formativa?

DEEG

Eu penso que ela é premente, porque é assim, nós temos que estar atentos à evolução da sociedade, não temos que estar agarrados ao passado; e é assim, o que a nossa sociedade precisa é ter conhecimentos, obviamente, do que é música clássica, música erudita mas, todos os dias são bombardeados pela necessidade de praticar, de conhecer, de saber tocar, de cantar as músicas atuais: pop/rock, e um pouco se calhar de instrumentos tradicionais nossos.

Entrevistador

E a posição dos professores de música, digamos assim, face aos professores do ensino genérico, como é que vêm esta....?

DEEG

Os de música do ensino público ou os de música do ensino privado?

Entrevistador

Não, os de música do ensino especializado...do conservatório, não é?

DEEG

É assim... não se sente da parte da escola pública, não se sente nenhum tipo de afronta, nenhum tipo de competição, nenhum tipo de quezília entre eles, não se sente. O que se sente é que cada um, digamos, faz o seu trabalho, cada um trabalha para o organismo do qual depende sem haver praticamente grande interferência. Profissionalmente e funcionalmente, não tem grande interferência, isso é o que eu sinto.

Entrevistador

E em termos de aceitação?

DEEG

De aceitação? É assim, eu só conheço praticamente em termos práticos a experiência desta escola porque nunca vivi noutras escolas com essa experiência de ensino articulado. Acho que é assim... nem há aceitação nem há...discriminação, não, não há. Acho que se vive isto à convivência sem haver articulação, sem haver aquele...há interação entre uns e outros, vive-se, digamos, normalmente, uns fazem o trabalho num lado outros fazem o trabalho no outro, sem haver aquele intercâmbio que do meu ponto de vista devia existir.

Entrevistador

(Devia existir ... a gente vai falar disso um bocadinho mais à frente...) E agora a situação inversa, como é que estes professores vêm os professores do ensino da música.

DEEG

Vê-se da mesma maneira...é a perspetiva que eu tenho, da mesma maneira.

Entrevistador

E como é que foi, na sua perspetiva, a...enfim, quando por exemplo nós professores de ensino da música, conservatório, viemos aqui às reuniões de avaliação assim de repente, sem ninguém saber como, sem ninguém saber porquê...estamos aqui no conselho de turma.

DEEG

Sim, sim, aqui foi encarada como uma situação perfeitamente normal, normalíssima. Também é preciso perceber que se calhar se não fosse uma escola ou Agrupamento em que a música do 3º ciclo fosse uma oferta da escola....nós temos no 3º ciclo, este Agrupamento tem no 3º ciclo a oferta da disciplina de música no 3º ciclo: 7º, 8º e 9º ano. Muitas escolas não têm, quer dizer que nós estamos já predispostos a aceitar o ensino da música, então temos essa necessidade. Mas o que eu sinto é que nesses pequenos intercâmbios que houve a necessidade dos professores de darem opiniões na avaliação e tudo mais, foi sentida aqui como uma situação perfeitamente normal, é necessário, normal, pronto não estavam cá mas são alunos do ensino articulado, alguém tinha também que vir cá participar na avaliação deles, portanto sem nada a estranhar.

Entrevistador

Então digamos que há uma certa abertura por parte dos professores aqui dentro.

DEEG

Aqui sentiu-se...

Entrevistador

E o envolvimento dos professores neste processo?

DEEG

Dos nossos...?

Entrevistador

Exatamente.

DEEG

É pouco...a não ser o professor de música mesmo e um ou dois de Educação Musical (também não há muitos mais), os outros, digamos, que passivamente vão trabalhando fora desse contexto.

Entrevistador

E o conhecimento, necessidade de se não sabe querer saber, procurar saber, por exemplo...

DEEG

Não se nota muito essa necessidade...a não ser um ou outro diretor de turma que pronto, precisa devido às suas funções como diretor de turma.

Entrevistador

Mas acha que é importante que soubesse? Por exemplo legislação?

DEEG

Eu acho que era, acho que era. Para ele saber exatamente que os alunos...pronto, têm esta ou aquela possibilidade, para pode-los informar até no final de cada ano no momento em que tomam opções, no momento em que querem seguir determinado caminho da sua vida estudantil, acho que era importante que soubessem, obviamente.

Entrevistador

Mas portanto não sabem...

DEEG

Não, não sabem...

Entrevistador

E por exemplo interesse em esta escola ou em escolas desta natureza ter este tipo de oferta formativa, ou seja possuir, não é o caso agora da E.B. 2/3, mas o interesse ou não em possuir a oferta do ensino da música no regime articulado?

DEEG

Eu acho que esse interesse... eu não sei se ele é sentido pela população docente, pela população estudantil ou pela comunidade dos pais...

Entrevistador

Mas na sua perspetiva...

DEEG

Mas a partir da direção acho que há interesse e que é muito importante. É como lhe disse, se nós escola / nós agrupamento já há vários anos que temos como oferta do 3º ciclo música e não outra qualquer que poderíamos ter, é

porque de facto pensamos que a música é importante, é necessária e enriquecedora para os nossos alunos, portanto tínhamos interesse e achamos que era uma grande vantagem para nós e para os nossos alunos, quando falo em nós somos nós e os alunos.

Entrevistador

Uma mais-valia, digamos assim...

DEEG

Uma mais-valia...

Entrevistador

A Portaria nº 691 de 25 de junho de 2009 criou as tais escolas de referência, ou seja, as de referência são aquelas escolas onde os alunos que estão a fazer o ensino da música do regime articulado, que estão a frequentar o ensino da música do regime articulado têm que frequentar essa escola e não uma escola básica qualquer; no fundo foi para também tentar evitar que os alunos tivessem dispersos um aqui, um ali, outro acolá e outro acolá, e agrupá-los em turmas especiais com mais alunos para evitar esta dispersão digamos assim. Estas escolas de referência na sua perspetiva fizeram dar uma credibilidade maior ao ensino da música regime articulado ou nem por isso...ou proporcionou enfim uma abertura maior, digamos assim; uma credibilidade maior...o que é que acha?

DEEG

Na minha perspetiva credibilidade... não sei se foi maior se foi menor, nem sei sequer se foi arriscado, parece-me é que surgiram mais dificuldades...

Entrevistador

Sim, como por exemplo?

DEEG

Como por exemplo, alunos que até agora podiam frequentar o regime de ensino articulado e porque agora estão condicionados à frequência dessas escolas de referência, obviamente, não frequentam o ensino articulado, vou dar um exemplo...se um aluno que morava aqui entre 500 metros /1 km ou 2, podia facilmente frequentar esta escola e depois frequentar uma escola de ensino articulado, agora tem uma escola de referência que já fica a 4/5 km, em muitas situações e não é só por razões económicas, porque não estamos a falar de razões económicas, em muitas situações já não frequentam esse regime articulado, então só veio criar dificuldades, não vi vantagens nenhuma nisso.

Entrevistador

Mas não acha que se funcionasse exatamente como funcionava no passado sem estas escolas de referência e os alunos estivessem dispersos por várias escolas estas articulações pedagógicas, que nós já iremos falar a seguir, poderiam ser mais comprometidas?

DEEG

Eu não acho que pudessem ser comprometidas as articulações pedagógicas, acho que se abria maiores possibilidades de alunos frequentarem este ensino articulado do que aquelas que de facto existem.

Entrevistador

Então na sua perspetiva deveria continuar um aluno a querer, aqui desta escola por exemplo, a querer o ensino

articulado mesmo que fosse por exemplo dois ou três, quatro ou cinco terem essa possibilidade?

DEEG

Sim, na minha perspetiva ter na mesma essa possibilidade, e só em casos extremos de... pronto, numa situação limite em que o órgão de gestão de facto não conseguisse elaborar horários compatíveis, aí sim, nessas situações...assim nesse caso teríamos que ir para essas tais escolas de referência, caso contrário desde que seja possível, não vejo necessidade de criar escolas de referência e impedir os alunos, ou se não é impedir pelo menos obrigar os alunos a estar fora da sua zona geográfica para frequentar essas escolas. Porque isso é um constrangimento para a frequência do ensino articulado para muitos alunos. E digo e repito não é só por razões económicas, é muitas vezes por razões de segurança; os pais, por exemplo, não têm condições de levar os alunos, podiam ter condições económicas mas não têm condições profissionais/sociais para os levar e eles deixam de frequentar quando tinham interesse em frequentar e há casos desses pois conheço alguns.

Entrevistador

Então vocês, digamos, que vivem essa realidade de casos daqui de alunos...

DEEG

É o caso daqui de alunos, de pais que eu já estou há muitos anos na direção e vêm-me perguntar porque não temos ensino articulado e eu digo: se quiserem esse tipo de ensino têm que ir para a escola X...não é? Se fosse esta, o problema colocar-se-ia noutra escola portanto, e eles deixaram «ah! então nesse caso não posso ir porque aqui era aqui entre 500 metros 1km/2km e assim a 5/6 km não tenho

condições para ir levar todos os dias, trazer o meu filho a essa escola portanto deixa de frequentar e ponto final».

Entrevistador

Muito bem! O ensino da música em regime articulado pressupõe articulações não é? Então o que é que me tem a dizer em torno destas articulações? Em que é que incidiam, em que é que devem incidir ou em que é que incidiram no passado estas articulações? Nomeadamente, no seu caso concreto aqui na E.B. 2/3 de Freamunde...

DEEG

Pois...ponto número um era articular os horários para não haver grande sobrecarga letiva dos alunos obviamente, e para que eles mesmo tendo as horas do ensino normal e as horas do ensino articulado, dentro dos limites, mas pelo menos possam também ter uma organização semanal do horário de forma a possibilitar os tempos de lazer, os tempos de estudo, os seus tempos com a família pronto, essa organização é do meu ponto de vista fundamental. Como é óbvio não faz sentido um aluno ter, por exemplo, numa escola do ensino público duas tardes livres e aquelas duas tardes livres estarem ocupadas com o ensino articulado, quer dizer o aluno fica completamente bloqueado no seu tempo semanal, pronto isso é importante. Depois é assim, eu nessa matéria não sei muito porque eu não sou da área da música, não sei muito como é que pedagogicamente se poderia articular o ensino da música do regime articulado com o ensino das várias disciplinas do ensino público, sinceramente não sei muito bem responder, claramente porque não sou conhecedor, não sou formado em música, não tenho essa competência neste momento.

Entrevistador

Nas articulações à parte dessa parte específica da música, articulações de ordem digamos questões mais burocráticas, não em termos pedagógicos propriamente ditos, digamos que a matéria da música lecionada pelos professores de música no conservatório correto? Tudo bem...e então eu enquanto diretor da escola E.B. 2/3, que tenho que conduzir o regime articulado, a minha preocupação é exclusivamente encontrar um horário conveniente para que realmente o aluno possa frequentar os dois estabelecimentos de ensino e ponto final as articulações estão feitas.

DEEG

Não, não! Eu concordo com o exemplo de que nas reuniões de avaliação e não só de avaliação, mesmo aquelas reuniões de conselho de turma no início do ano para preparar o ano letivo, devia dentro do possível serem sempre conjuntas com os professores do ensino público e os professores, ou pelo menos não os professores mas pelo menos o representante do ensino articulado.

Entrevistador

O que é que ganha o ensino articulado em vir os professores do ensino da música às reuniões do conselho de turma?

DEEG

Eu não sei se ganha alguma coisa ou se ganha alguma coisa os professores do ensino articulado...

Entrevistador

Ou melhor, não são os professores obviamente...os alunos, porque o interesse são os alunos, não é?

DEEG

Claro, claro! Não sei se os alunos ganham alguma coisa com a vinda dos professores do ensino articulado...mas sei que a escola ganha em que todos trabalhem no mesmo sentido e com o mesmo rumo. E penso que pelo menos estando uns e outros num e noutro lado, eu penso que por exemplo o diretor de turma aqui também se calhar devia pelo menos uma vez por ano fazer parte das reuniões da escola de música, penso, porque às vezes mais que o conhecimento formal aquele que é por papéis, há aquilo que é a transmissão de conhecimento informal, dados...são dados pequenos pormenores sobre comportamentos, atitudes e competências do conhecimento dos alunos que às vezes se não for nestes momentos eles nunca são transmitidos. Como é que o aluno reage se tiver numa aula de música, como é o aluno reage se tiver numa aula de matemática, como é que o aluno reage se tiver numa aula de português...e às tantas pode-se conseguir trazer o aluno para o sucesso se, por exemplo, o professor de música, sei lá seja de violino, seja de guitarra, seja de saxofone der determinadas informações que as conseguem recolher nas aulas para o professor de matemática ou de português.

Entrevistador

Então digamos que era preciso uma maior proximidade dos professores...

DEEG

É, é...

Entrevistador

E como é que poderia fazer essa proximidade?

DEEG

Isso aí é muito difícil...é assim temos que admitir... eu tenho consciência que isso é muito difícil, muito difícil porquê? Para já, os horários de funcionamento do ensino público e da escola de articulado obviamente são díspares, não é? A carga horária dos professores e dos alunos dos dois é muito diferente e isso é muito difícil, agora mas que só se tinha a ganhar com isso, isso eu penso que sim. Portanto não estou a dizer que é fazer reuniões a torto e a direito...estou a falar de uma/duas por ano, talvez no início do ano, eventualmente no final do primeiro período e outra no final do ano, por exemplo, isso era importante...

Entrevistador

E se fizéssemos uma retrospectiva em relação ao articulado, uma vez que já tivemos articulado nesta escola há uns anos, o que é que mudou neste âmbito das articulações, desde o passado até ao dia de hoje? Ou foi sempre igual, foi sempre...não houve nada que tivesse melhorado....ou algum indicador que tivesse...

DEEG

A única coisa que me parece que melhorou um bocadinho foi o facto das reuniões de avaliação terem uma presença mais assídua do professor da escola de música porque no início era mais... digamos, vir só o papel...pronto vinha só o papel, não quer dizer que vindo o professor que formalmente nos teria dado mais informação mas acho que vir o professor tem muito impacto. Valoriza mais a prestação do aluno no ensino articulado percebe?

Entrevistador

Exato.

DEEG

Ou seja, o facto de vir cá o professor do ensino articulado dar um argumento de avaliação, embora no papel fique tudo igual porque se o aluno tem um 3 a violino e 5 a saxofone... no papel fica tudo igual, é assim, é a tal transmissão do conhecimento informal que funciona acho que tem mais impacto, acho que funciona melhor, acho que os professores do conselho de turma tomam outra consciência do que é o ensino articulado e como funciona e qual é o contributo que ele pode dar para o sucesso do aluno, aluno aqui do ensino público no seu processo de aprendizagem. Não é igual, não é igual estar numa reunião de avaliação, e eu já passei por muitas, e o professor de português diz «este aluno tem 3 a português, tem 2 a matemática, tem 5 a não sei quantos» e o professor de música diz que tem 2, 2, 2 ou tem 5, 5, 5 ou tem 4, 5, 5 e explicar porquê. As explicações por vezes são mais importantes do que os próprios dados...

Entrevistador

Mas essas explicações, digamos, são pedidas pelo conselho de turma, ou não?

DEEG

É assim... tecnicamente se estivermos a funcionar, se estivermos a falar num conselho de turma que funcione...

Entrevistador

Mas isso era o passado, início do passado...o passado passado era assim? Ou então simplesmente...

DEEG

Não, o passado não era assim...nada assim. Agora, isto com a presença que tem aumentado os professores do ensino articulado nessas reuniões eu penso que tem havido essa

melhoria que é pequena... é pequena mas é o ponto de melhoria que eu encontro.

Entrevistador

E no âmbito deste reforço de articulações que nós falamos por exemplo, uma maior proximidade de professores etc, etc... como é que o ensino articulado poderia enfim reforçar ou que vantagens é que poderíamos encontrar para este tipo de escola, para escola do ensino genérico estas articulações, este reforço das articulações? Poderiam ser desta natureza que nós já falamos, uma maior proximidade etc... mas que outro tipo de situações é que poderiam sair benéficas também inclusivamente para a própria escola do ensino público?

DEEG

Eu penso que há uma faixa de alunos... à bocado se calhar falamos numa faixa de alunos que se insere no enriquecimento curricular, e para esses obviamente que há toda a vantagem nessa articulação, mas há também uma série de alunos que manifestamente não têm vocação para aquilo que é dito o ensino normal, e por isso mesmo são encaminhados para os CEF's, e para os cursos profissionais e eu penso mesmo, mas isso para mim é assente, que se lhes fosse dada a oportunidade de frequentar o ensino articulado e terem essas novas visões do que é a música se calhar não perdíamos tantos alunos como perdemos. Perdíamos mas não é no sentido de sair da escola, é no sentido comportamental, atitudinal, percebe? Devia aumentar o intercâmbio entre a escola pública e o ensino articulado, devia estar mais aberta essa possibilidade a alunos que muitas vezes não têm essa possibilidade por eles próprios e familiarmente também não têm essa possibilidade, mas o próprio órgão de gestão promover esse intercâmbio e promover essa digamos ajuda

do ensino articulado. E aí era uma mais valia muito importante e que todos tinham a ganhar.

Entrevistador

E por exemplo, porque não ser possível modificar o modelo do ensino da música nestas escolas, à parte da...

DEEG

Pois, para isso era preciso modificar o modelo, porque o modelo neste momento é bastante fechado, resume-se a uma disciplina que existe naquela hora bem definida...

Entrevistador

Por exemplo se fosse ministrar instrumentos nesta escola...

DEEG

Isso só havia vantagens...eu só via vantagens, nas tais atividades de complemento curricular, os alunos poder-se inscrever, funcionar como funciona alguns outros clubes de património...

Entrevistador

E porque não cursos, cursos oficiais...

DEEG

Mesmo cursos profissionais? Eh! oficiais? Cursos oficiais? Eu já...pronto eu não estou a dizer, os professores do articulado virem cá mas aí era ainda melhor...isso aí era ouro sobre azul.

Entrevistador

Mas seria possível isso na sua perspetiva ou melhor...

DEEG

Na minha perspetiva? É perfeitamente possível, e só depende da vontade de quem decide...

Entrevistador

Desenvolver-se as ideias...

DEEG

Eu penso que isso é possível e só depende da vontade de quem decide, quem decide, obviamente, que é quem... não é quem está no órgão de gestão.

Entrevistador

Então se você pudesse decidir o que é que fazia? Que medidas é que tomava?

DEEG

Se eu pudesse decidir e se tivesse aquilo que se chama autonomia que é só uma palavra que se usa mas...que não existe na prática para implementar, uma das coisas que fazia era promover um protocolo com uma escola de ensino articulado e fomentar cursos ativos numa escola de ensino público para que os alunos frequentassem estas aulas e pronto e ao longo do tempo adquirir-se esta aprendizagem.

Entrevistador

E esses cursos continuariam na vertente exatamente como eles vêm do conservatório ou poderiam ser, seguir outras vertentes da música?

DEEG

Poderíamos ter...aí eu chamaria duas vertentes: uma daquelas que eu diga porque pronto, meramente facultativa para aqueles alunos que quisessem só digamos tomar

contacto, tomar contacto com a música; há alunos, obviamente, que podiam querer só tomar contacto pronto... só que depois, ao fim de algum tempo gostam, não gostam, se gostam continuam, se não gostam deixam...e pronto, e podíamos ter também outra vertente, aquela vertente de digamos mesmo já de frequência, de um curso para a vida, para o futuro, para se quisessem chegar, por exemplo, ao final do ensino básico poderem optar por uma via, ou pela via do regular, assim como optam alunos nossos para ir para um curso profissional porque não um curso profissional da música, por exemplo?

Entrevistador

Mas ministrado aqui...?

DEEG

Ministrado aqui porque não também? Porque não?

Entrevistador

E tipologias musicais? Continuávamos no sistema básico ou...

DEEG

Não, não, aí sou completamente contra essa enclausura que existe ou que poderá eventualmente existir de fechar o ensino da música à música clássica e erudita e não sei quê...eu penso que tínhamos tudo a ganhar em abrir ao pop, ao rock, à música popular, aos outros instrumentos tradicionais, que há tantos no nosso país...eu aí acho que devia-se diversificar muito mais.

Entrevistador

Exato e essa a questão dos instrumentos populares é muito importante porque nós temos um património

riquíssimo e que está em vias de extinção porque não há quem ensina, também não há quem aprenda...ou melhor onde se ensina e onde se aprenda.

DEEG

Eu acho que há muito quem queira aprender...

Entrevistador

Mas não há onde se aprenda...

DEEG

Agora o problema é que há pouco onde se aprenda porque há pouco quem ensine, porque há pouco quem decida quem possa ensinar. Não sei se me fiz perceber...

Entrevistador

Exatamente, o que nós precisamos é de colocar nas escolas esses cursos para que sejam nos sítios certos onde se ensinem esses instrumentos.

DEEG

Exatamente... exatamente... mas para isso tem que haver algo a nível político e a nível político digo governamental, alguém que tenha sensibilidade para o valor da música porque ainda há outros países onde a música tem valor e em Portugal a música parece que não tem valor quase nenhum...os da música parece que são sempre pessoas de segundo plano e não são, são de primeiro como os outros, mas para isso era preciso que a nossa própria constituição prevê-se a necessidade de no governo haver sempre alguém, nem que fosse um ministro que fosse de formação musical, porque é assim, o que acontece na nossa política é que temos lá ou engenheiros, ou alguém de direito e às vezes de economia...

Entrevistador

Das artes não há lá ninguém...

DEEG

Mas o que há lá é engenheiros, de direito e alguns economistas... pronto, alguns, e era preciso que houvesse das artes, não era só da pintura como às vezes aparece para lá, da música...

Entrevistador

Da música em concreto...

DEEG

Em concreto era preciso alguém na política da música, e se tivéssemos aí nas chefias, na hora de decidir, exatamente, haveria sensibilidade para resolver estes problemas e definir esta linha estratégica.

Entrevistador

E nomeadamente, por exemplo, na questão tanto da vossa escola como da escola do ensino artístico haver elementos comuns nos órgãos de gestão? Que me tem a dizer a isso, que vantagens é que isso poderia ter ou não? Faz sentido...?

DEEG

Penso que... Parece-me uma boa medida... se há articulação dos alunos, deve haver articulação de funcionários docentes ou não docentes no órgão de gestão. Parece-me uma ótima ideia...nunca pensei nela...sinceramente.

Entrevistador

E o projeto...ao nível do projeto educativo? Acha que faz sentido que houvesse pontos de comum...?

DEEG

Faz todo o sentido que os projetos educativos sejam...eu não digo que eles sejam coincidentes porque uma escola de ensino articulado iria ter que trabalhar com várias não é, mas aí se calhar poder-se-ia alargar... porque eu aí também não sou a favor de um projeto educativo uni agrupamental, percebe? Eu por exemplo penso que no mínimo o projeto educativo devia abranger um concelho, no mínimo. No meu ponto de vista não faz sentido haver um projeto educativo de um agrupamento, o projeto educativo devia ser no mínimo de um concelho, porque os problemas daqui deste agrupamento são os mesmos se calhar de um agrupamento adjacente, portanto devia ser...e obviamente aí podia-se melhor interagir com o ensino articulado, porque depois uma escola por concelho se calhar seria suficiente, se calhar, não sei...e o projeto educativo devia ser não comum mas pelo menos coincidente na maioria dos seus pontos.

Entrevistador

Pontos...mm.

DEEG

Ter muitos pontos em comum, exatamente.

Entrevistador

E se estivesse nas suas mãos que medidas é que tomava assim imediatas? Para resolver problemas ou questões em torno deste assunto?

DEEG

Uma delas... é se tivesse nas minhas mãos era criar um projeto educativo que não fosse só de agrupamento, fosse no mínimo de um concelho; depois instituir nas escolas o funcionamento eficaz se não fosse da disciplina pelo menos de grupos de funcionamento de algumas competências musicais. Não digo de uma disciplina para já que era capaz de ser complicado, para uma disciplina de música da maneira que eu vejo se calhar abrangeria vários instrumentos, mas pelo menos criar a aprendizagem do instrumento violino, saxofone, cavaquinho, viola, guitarra, pandeireta, sei lá...vários, não é? Criar esses grupos de aprendizagem, pelo menos era uma medida imediata. Se não fosse logo criar uma disciplina de música pelo menos criar esses grupos de aprendizagem de instrumentos e eu partiria dos populares, tradicionais, partiria logo daí.

Entrevistador

Então digamos, vamos lá ver se eu percebi...digamos que tendo um projeto educativo que tivesse, não digo que fosse exatamente igual, mas tivesse pontos em comum, digamos que os professores do conservatório ou do ensino da música neste aspeto, poderiam, para falar desses grupos... que está a falar desses grupos, que queriam, então poder vir aqui lecionar...

DEEG

Exatamente...

Entrevistador

...a estes alunos um conjunto de saberes ligados à música no âmbito, por exemplo de um instrumento X.

DEEG

Exatamente, e por exemplo se depois fosse preciso, se houvesse um grupo de alunos que quisessem aprofundar estes conhecimentos então aí se calhar seria mais produtivo e mais rentável na própria escola do ensino articulado desenvolver melhor essas competências...e complementar uma aprendizagem com outra.

Entrevistador

Mas quando é que ele deixaria...ele deixaria depois de ter aqui as aulas de música e passava a ter no conservatório...é indiferente?

DEEG

É assim, o facto de ele ter aqui ou ter lá, o local do meu ponto de vista não é o mais importante...

Entrevistador

Sim, aqui o que eu também queria dizer era em que momento é que ele deixava um para passar para outro?

DEEG

Pois aí tinham que ser os professores de música que...

Entrevistador

Não, mas na sua perspetiva, em termos legais...

DEEG

Primeiro seria na fase, digamos, de divulgação do conhecimento por parte de quem ensina para quem aprende, porque muitas vezes a nossa comunidade estudantil muitas vezes não aprende porque também não sabe que há para aprender...

Entrevistador

Exato...

DEEG

Muitas vezes não se aprende uma coisa porque também não se sabe, não lhe é proporcionada essa oportunidade de aprender e portanto essa primeira fase era exatamente para proporcionar essa oportunidade de aprender, divulgar «meus amigos há isto», divulgar, e depois imaginemos que tínhamos uns grupos, vários grupos, sei lá um ano/dois era suficiente para os alunos se integrarem e aprenderem para saberem o quanto importante era a música ou era aquele instrumento ou era aquela área musical, e depois daí possivelmente existiriam muitos que ficariam com interesse pronto digamos na sua memória e na sua mente e diziam «não, eu agora eu quero seguir isto, eu quero aprender mais disto», e aí passava-se à outra segunda fase.

Entrevistador

E qual era essa segunda fase?

DEEG

Ao fim de um ou dois anos. Na maior parte dos casos acho que dois anos era suficiente...

Entrevistador

Então digamos que...

DEEG

Um ano é pouco, mas dois anitos...penso que era o suficiente.

Entrevistador

Sim. E depois dessa fase, então nessa segunda fase...

DEEG

Aí digamos que entravam para aquele sistema parecido com o que é agora o funcionamento, que eu entendo, do ensino articulado com conhecimentos mais profundos, mais teóricos, pronto, penso que era mais por aí...isso é a minha perspetiva.

Entrevistador

Sim. E funcionava esses grupos, funcionavam aqui durante dois anos por exemplo 5º e 6º ano, por exemplo...

DEEG

Por exemplo...

Entrevistador

E depois no final...

DEEG

Mas quem diz 5º e 6º, ao mesmo nível podiam ser 8º e 9º...porque para isso digamos que para a música, eu penso que para a música não há idade. Para a música no conceito que eu estou a pensar para esses dois primeiros anos, não interessa se é o 5º e 6º, se é o 4º e o 5º, se é o 9º ou o 10º ou o 11º/12º, interessava é que eles tivessem oportunidade de perceber que há algo para aprender na componente musical. E depois aí, depois eles iriam seguir um outro percurso e aí sim, já funcionava num outro âmbito, já com um conhecimento teórico mais aprofundado...seguiriam aquilo mais ou menos que agora seguem no ensino articulado, segundo eu penso...

Entrevistador

Muito bem, e perspetivas para o futuro que é que tem, falando dessas questões todas?

DEEG

Perspetivas... sim há muitas ideias mas eu não vejo melhorias nesta matéria, se me está a perguntar nesse campo de que eu vejo, do que é emanado superiormente, não vejo grandes melhorias no funcionamento deste tipo de ensino.

Entrevistador

Ah é?

DEEG

Melhorias no sentido de haver mais abertura, de haver mais divulgação, aumento de alunos a frequentar o ensino articulado.

Entrevistador

Na sua perspetiva há menos gente a frequentar com as restrições tendo em conta...

DEEG

Atendendo... apesar da crise, mas obviamente que há uns anos para cá de há 20/10 anos as condições de vida têm melhorado, apesar de nós dizermos que estamos em crise, é um ponto assente que as condições de vida têm melhorado, e atendendo a essa evolução da sociedade e eu não tendo números do ensino articulado eu penso que se houvesse uma correspondência entre a melhoria das condições de vida da sociedade e aquilo que devia ser a frequência da componente musical, acho que essa frequência não tem acompanhado a melhoria do nível de vida da sociedade, mas posso estar errado, mas é o que eu penso. Penso que nesta altura, atendendo ao nosso nível e à tentativa de aproximação com os pais envolvidos, devia haver já muito maior número de alunos a frequentarem o ensino articulado.

Entrevistador

Digamos que a base da pirâmide alargou com a democratização do ensino, de uma maneira geral também no âmbito da música mas digamos que esta base da pirâmide ainda não é suficiente, é isso que me está a dizer...

DEEG

Acho que não...

Entrevistador

Ou seja, era preciso mais alargar...

DEEG

Exatamente...

Entrevistador

Então era preciso dar mais oportunidades aos alunos...

DEEG

Mais oportunidades...acho que é preciso dar mais oportunidades porque eu penso que há poucos alunos a adquirir competências musicais. É o que eu penso...

Entrevistador

Sim senhor. E agora em termos de em jeito assim de conclusão, digamos assim, o que é que lhe ocorre dizer mais em torno de qualquer assunto que nós falamos?

DEEG

É assim eu acho que já disse quase tudo mas o que eu penso que é mais importante, mesmo mais importante, é mudar a sensibilidade dos nossos políticos; isso é que eu acho que é mais importante; Desde que se consiga mudar a sensibilidade de quem decide, que são os nossos políticos...

Entrevistador

Mas para nós fazermos com que eles mudem nós temos que fazer alguma coisa...

DEEG

Para nós mudarmos temos que nos unir, nós temos infelizmente que reclamar, temos que reivindicar, temos que expor as nossas ideias...

Entrevistador

E expor projetos concretos?

DEEG

Fazer projetos é importante, fazer projetos...e isso para fazer projetos é preciso o quê? É preciso que as pessoas que dominam esses conteúdos se aproximem do órgão de gestão...

Entrevistador

Mas se calhar, por exemplo, tudo aquilo que falou...tudo aquilo que falou daquelas coisas destes grupos que falou de aprendizagem aqui e não sei quê, se calhar isso poderia passar por projetos bem elaborados e coloca-los aqui a funcionar. Porque tudo bem eu sinto isto, eu sinto que há uma necessidade desta, eu acho que deveria ser assim, mas no fundo o que é que eu faço para mudar isto?

DEEG

Muitas vezes é isto que existe, há muita inércia nessa matéria também, e eu reconheço isso há inércia, ou se ela não é voluntária é involuntária mas há inércia até porque depois há uma série de condicionantes, há muito trabalho nessas tarefas burocráticas e passa um dia passam dois dias, passa um ano, dois anos e acaba por não se fazer nada, as ideias

existem mas acabam por não se fazer; mas é importante que de facto se fizesse, que se tentasse implementar esses projetos e se levassem para a frente, se não fossem sempre levados à primeira sê-lo-iam à segunda ou à terceira ou à quarta, mas fazer chegar a quem decide de facto pelo menos começa a despertar essa pulguinha não é?

Entrevistador

Muito bem. Não sei se quer acrescentar mais alguma coisa...

DEEG

Penso que disse tudo agora...não me ocorre mais.

Entrevistador

Muito bem, então neste sentido eu dou por terminada aqui a nossa entrevista. Agradeço a sua colaboração e depois de isto estar transcrito entregar-lhe-ei para ler para ver o que nós aqui dissemos e depois espero obviamente que isto possa ajudar não só para um documento, mas essencialmente para o mais importante que é fazer com que a música chegue a toda a gente que esse é que é o ponto mais importante na nossa conversa.

DEEG

Pois e esse era algo que me satisfaria muito...

Entrevistador

Então temos que trabalhar nesse sentido...

DEEG

Pelo menos não sei se fui útil, mas pelo menos eu já fiquei despertado para outras ideias.

Entrevistador

Ótimo. Então é avançar com essas ideias, e mesmo não tendo sido escola de referência, propor essas ideias ao conservatório, porque não? Eu já fiz outras propostas no conservatório e eu já disse para mim seria muito interessante fazer um outro estudo, pegar nos alunos que vêm para o 3º ciclo que não tiveram música, eu quero trabalhar com esses alunos como um compromisso entre o 7º, 8º e 9º ano, quero ver o que é que eles resultam, que é que eles fazem comigo mas trabalhar música. E quero comparar resultados com questão música, quero ver se afinal de contas há uma diferença tão grande que diga «não, não vale a pena insistir porque isto não funciona. Não tem que se ir para o conservatório, tem que ter mesmo vocação para a música, não»...vamos ver! Era um trabalho a fazer...

DEEG

Eu acredito é que há muitos que não estão no conservatório, não estão no ensino articulado e têm as mesmas competências, as mesmas capacidades dos que lá estão, não têm acesso a mostrá-las, para mostrar essas capacidades.

Entrevistador

É como nós dissemos à bocado, precisamos de alargar esta base da pirâmide, ou seja, no fundo esta base tinha que ser alargada a toda a população.

DEEG

Claro, penso que sim também, plenamente de acordo.

Entrevistador

Muito bem! Muito obrigado e boa tarde.